TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 1333

O CRESCIMENTO ECONÔMICO E A COMPETITIVIDADE CHINESA

Marcelo Braga Nonnenberg
Paulo Mansur Levy
Fernanda De Negri
Katarina Pereira da Costa

Rio de Janeiro, abril de 2008

TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 1333

O CRESCIMENTO ECONÔMICO E A COMPETITIVIDADE CHINESA

Marcelo Braga Nonnenberg*
Paulo Mansur Levy*
Fernanda De Negri**
Katarina Pereira da Costa***

Rio de Janeiro, abril de 2008

* Pesquisadores da Diretoria de Estudos Macroeconômicos do Ipea.

** Pesquisadora da Diretoria de Estudos Setoriais do Ipea.

*** Economista e assistente de pesquisa do Programa Nacional de Pesquisa Econômica (PNPE)/Ipea.

Governo Federal

Ministro de Estado Extraordinário de Assuntos Estratégicos – Roberto Mangabeira Unger

Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República

ipea **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

Fundação pública vinculada ao Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais, possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro, e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
Marcio Pochmann

Diretor de Administração e Finanças
Fernando Ferreira

Diretor de Estudos Macroeconômicos
João Sicsú

Diretor de Estudos Sociais
Jorge Abrahão de Castro

Diretora de Estudos Regionais e Urbanos
Liana Maria da Frota Carleial

Diretor de Estudos Setoriais
Márcio Wohlers de Almeida

Diretor de Cooperação e Desenvolvimento
Mário Lisboa Theodoro

Chefe de Gabinete
Persio Marco Antonio Davison

Assessor-Chefe de Comunicação
Estanislau Maria de Freitas Júnior

URL: http:/www.ipea.gov.br

Ouvidoria: http:/www.ipea.gov.br/ouvidoria

ISSN 1415-4765

JEL: O53, P27

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos desenvolvidos pelo Ipea, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SINOPSE

O artigo discute as principais causas do forte crescimento da economia chinesa nos últimos 27 anos. Apesar de este ser um fato amplamente conhecido, menos compreendidas, no entanto, são as causas desse processo, ou, pelo menos, suas características e elementos definidores mais importantes. Dentre as causas apontadas em diversos estudos, destacam-se os investimentos diretos externos (IDEs) e as medidas de política industrial, como, por exemplo, os incentivos fiscais concedidos a setores determinados localizados em zonas econômicas especiais. Esses fatores, certamente, contribuíram para o espetacular crescimento econômico chinês, mas estão longe de explicar adequadamente esse processo. Afinal, algumas dessas características estiveram presentes em diversos outros países e regiões, sem que o efeito fosse nem ao menos parecido.

Assim, um dos principais objetivos deste trabalho é lançar novas hipóteses quanto às fontes do desempenho econômico chinês e suas características, propondo uma visão sobre o desenvolvimento recente daquele país, a qual procure ir além das explicações mais conhecidas e que busque, na história recente e na geografia, algumas pistas para esse processo. A adequada compreensão dessas características e o seu ordenamento ao longo da história por ordem de importância são úteis para determinar quão específicas são as condições do crescimento chinês e que políticas poderiam ser replicadas no Brasil.

Em segundo lugar, examinar as perspectivas de crescimento da China. As principais questões que se colocam são: primeiro, até quando conseguirá a China manter o atual padrão de crescimento e, segundo, como manter os atuais níveis de superávit em balanço de pagamentos e de acumulação de reservas?

ABSTRACT

The article discusses the main reasons behind the strong growth process of the Chinese economy in the last 27 years. Although this is a widely known fact, less well understood are the causes of this process, or at least its features and more important elements. Among the reasons noted by many authors, are foreign direct investment (IDEs) and industrial policy measures, such as tax incentives granted to certain industries located in special economic zones. These factors undoubtedly contributed to the Chinese spectacular economic growth, but are far from adequately explaining this process. After all, some of these features were present in several other countries and regions, but the effect was not the same.

Therefore, one of the main purposes of this paper is to present some assumptions concerning the sources of Chinese economic performance and its characteristics, providing a vision about the recent development of this country that seeks to go beyond the explanations most known and to look in recent history and geography, some clues to this process. A proper understanding of these characteristics is useful to determine how specific are the conditions of growth in Chinese policies that could be replicated in Brazil.

In second place, to analyze the growth prospects for China. The main questions are, first, to which extent will China continue to grow at the present pace. Second, how to keep the present levels of balance of payment surplus and foreign exchange accumulation?

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7

2 FONTES DO CRESCIMENTO DA CHINA 8

3 EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR 11

4 CAUSAS DO CRESCIMENTO 15

5 PERSPECTIVAS 26

REFERÊNCIAS 27

1 INTRODUÇÃO

O forte crescimento da economia da China nos últimos 27 anos é fato amplamente conhecido – nos quatro últimos anos, o Produto Interno Bruto (PIB) chinês teve crescimento real médio de cerca de 10% ao ano (a.a.). Da mesma forma, é notório o extraordinário aumento da competitividade das exportações de produtos manufaturados chineses, deslocando rapidamente produtores tradicionais, inclusive de países desenvolvidos.

Menos conhecidas e compreendidas, no entanto, são as causas desse processo, ou, pelo menos, suas características e elementos definidores mais importantes. Dentre as causas apontadas, destacam-se os investimentos diretos externos (IDEs), em sua maioria voltados para exportação, que transferem tecnologia e fornecem capital para o país, atraídos principalmente pelo baixo custo de uma mão-de-obra disciplinada e com nível relativamente alto de qualificação. Enfatizam-se também as medidas de política industrial, como os incentivos fiscais concedidos a setores determinados localizados em zonas econômicas especiais, a obrigação de as empresas multinacionais (EMNs) se associarem a um parceiro doméstico e a proibição de investir em certos setores, bem como a manutenção de uma taxa de câmbio fixa e desvalorizada, estimulando as exportações. Todos esses fatores, certamente, contribuíram para o espetacular crescimento econômico chinês, mas estão longe de explicar adequadamente esse processo. Afinal, algumas dessas características estiveram presentes em diversos outros países e regiões, sem que o efeito fosse sequer parecido.

Há uma dimensão em que o fenômeno chinês pode ser considerado como uma terceira onda do modelo asiático, após a do Japão, ainda na década de 1950, e a dos quatro *newly industrialized countries* (NICs) – Cingapura, Coréia do Sul, Hong Kong e Taiwan –, já na década de 1970. Essa dimensão é a ênfase no comércio internacional, talvez por todas essas economias se caracterizarem por dotação relativamente menos favorecida de recursos naturais. De fato, o Japão e a Coréia do Sul adotaram algumas medidas que, em algum grau, são parecidas com as chinesas, mas que diferem em aspectos substanciais.

Uma diferença fundamental é o tamanho relativo desses três países asiáticos. Não há termos de comparação entre a dimensão geográfica de Coréia e Japão, de um lado, e China, do outro. Isso assume importância quando se nota que o desenvolvimento industrial da China ocorreu principalmente nas zonas costeiras, enquanto o interior permaneceu, em grande parte, predominantemente agrário, com taxas de crescimento bem menores e abrigando ainda a maior parte da população. Se o crescimento anual médio da China foi de 9,5% nesses 27 anos, nas zonas costeiras – que, por si só, são maiores do que Japão e Coréia somados –, a taxa atingiu cerca de 15% a.a., muito acima do ritmo de crescimento de qualquer outro país durante um período tão longo.

Como explicar, então, o extraordinário crescimento da economia e da competitividade chinesa? A complexidade da resposta parece proporcional ao tamanho da sua economia. Basta lembrar que há 25 anos a China apenas começava a sair de um longo período de semi-estagnação para que se tenha a real dimensão das transformações pelas quais o país passou nesse período. Portanto, diversas causas devem ter contribuído de maneira decisiva para o seu desenvolvimento.

Este trabalho tem como objetivo avançar em algumas hipóteses quanto às fontes do desempenho econômico chinês e as suas características. Não é o propósito, por outro lado, fornecer respostas às principais questões referentes ao crescimento chinês, mas propor uma visão a respeito do desenvolvimento recente daquele país que procure ir além das explicações mais conhecidas e que busque, na história recente e na geografia, algumas pistas para esse processo. A adequada compreensão dessas características e o seu ordenamento ao longo da história por ordem de importância são úteis para determinar quão específicas são as condições do crescimento chinês e que políticas poderiam ser replicadas no Brasil. A segunda seção analisa o processo de crescimento da economia chinesa desde 1978, com ênfase em análises prévias, feitas por terceiros, das fontes de crescimento. Na terceira seção, é analisada a evolução do comércio exterior da China, indicando-se a rápida transformação das pautas de exportação e importação no sentido de bens mais intensivos em conhecimento. Na quarta seção são expostas as hipóteses a respeito das causas do rápido crescimento econômico chinês, buscando mostrar a importância dos fatores históricos e geográficos. Finalmente, na quinta seção, são analisadas as perspectivas de continuidade do crescimento da China ao ritmo atual.

2 FONTES DO CRESCIMENTO DA CHINA

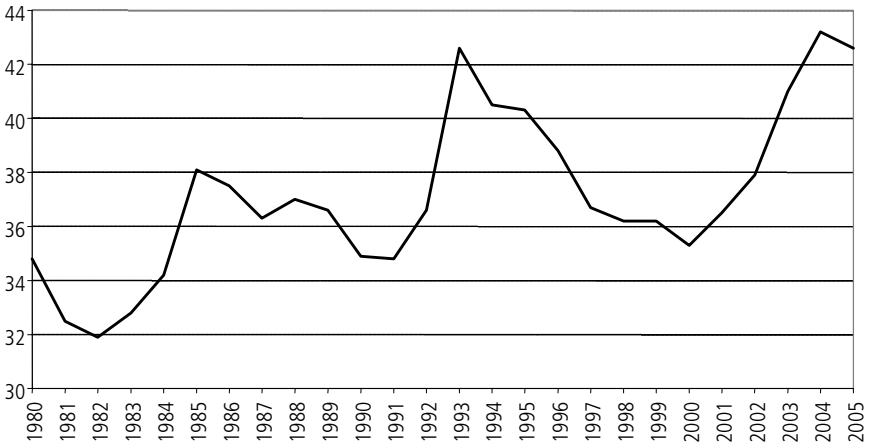
Em todo o período analisado, a indústria foi sempre o principal responsável pelo crescimento da atividade na China. Como mostra a tabela 1, as taxas de variação do setor secundário são maiores do que as do setor primário em todos os quatro subperíodos e superior às do terciário nos três últimos. Na verdade, a decisão do governo chinês, ao iniciar o processo de abertura e reformas em 1978, foi no sentido de, deliberadamente, incentivar a industrialização. Como será visto mais adiante, as principais medidas consistiram na abertura do comércio externo de bens e a liberalização de investimentos industriais por parte de empresas estrangeiras. Logo, é natural que o crescimento tenha sido liderado pela indústria e intensivo em acumulação de capital. Esse processo é também ilustrado pela evolução da taxa de investimento, que passou de cerca de 35% do PIB em meados da década de 1980 para mais de 40% nos anos mais recentes, como mostra o gráfico 1, que é cerca do dobro da média mundial.

TABELA 1
China: taxas médias de crescimento do produto por setor
(Em %)

Médias	PIB	Primário	Secundário	Terciário
1979-1987	9,9	5,9	10,6	12,9
1988-1990	6,3	4,3	7,0	6,9
1991-1994	12,6	3,9	18,3	10,8
1995-2006	9,3	3,7	10,6	9,8

Fonte: NBS.

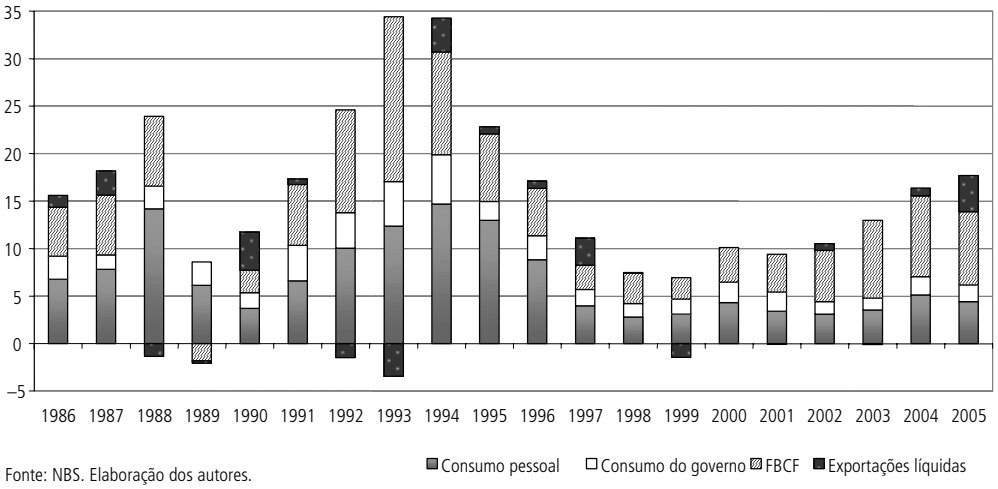
GRÁFICO 1
China: taxa de investimento
(Em %)



Fonte: NBS.

É interessante verificar a contribuição dos componentes do gasto para a evolução do PIB ao longo do tempo. Infelizmente, as Contas Nacionais da China não apresentam os dados do PIB pelo lado da demanda em valores constantes, à exceção do consumo pessoal. Portanto, o gráfico 2 ilustra a contribuição ao crescimento das variações nominais do consumo pessoal, consumo do governo, exportações líquidas e formação bruta de capital. Note-se, em primeiro lugar, que as elevadas taxas de crescimento para o período 1992-1996 são parcialmente devidas à elevada inflação observada nesse período, que chegou a alcançar 24% em 1994 e foi superior a 5% nos demais anos. Entretanto, como o objetivo principal aqui é verificar a importância relativa, sobretudo do consumo pessoal e do investimento, a análise não fica muito prejudicada.

GRÁFICO 2
PIB: variações nominais – contribuições ao crescimento – principais componentes
(Em %)



Fonte: NBS. Elaboração dos autores.

No período em análise, observa-se claramente que a contribuição relativa da formação bruta de capital é cada vez maior, superando a do consumo pessoal.

Numa perspectiva de mais longo prazo, em que prevalecem os determinantes da oferta, as fontes de crescimento do produto podem ser decompostas segundo as contribuições dos fatores de produção mais um componente residual conhecido na contabilidade do crescimento como produtividade total dos fatores (PTF). No caso da China, diversos autores procuraram explicar o crescimento do produto com base nessa metodologia, originalmente desenvolvida por Solow.

A tabela 2 apresenta os resultados obtidos em cinco trabalhos recentes sobre a decomposição das fontes de aumento da China após 1978. Note-se que nem todos os trabalhos analisam as mesmas variáveis, nem os mesmos períodos.

TABELA 2
China: fontes de crescimento – variações anuais (PIB) e contribuições ao crescimento

Variáveis selecionadas	I*		II		III		IV		V	
	Woo (1997)		Young (2000)		Wang e Yao (2001)		Kuijs e Wang (2005)		Bosworth e Collins (2007)	
Variações anuais (%)	1979-1993	1985-1993	1978-1998		1953-1977	1978-1999	1978-1993	1993-2004	1978-1993	1993-2004
			Oficial	Ajustado						
PIB	9,3	9,7	9,1	7,4	6,5	9,7	9,7	9,0	8,9	9,7
Emprego	1,3	1,1			1,1	1,4	2,5	1,1	2,5	1,2
Produtividade do trabalho			5,0**	2,6**			7,0	7,8	6,4	8,5
Capital humano			1,1	1,0	2,1	1,3			0,2	0,2
Capital físico	4,9	5,5	1,4	0,4	3,7	4,7	3,2	5,1	2,5	4,2
PTF	2,8	2,6	3,0	1,4	–0,4	2,3	3,7	2,7	3,6	4,0

Fonte: Ver texto.

* Valores encontrados para beta = 0,5.

** Trabalhador efetivo, ajustado pela taxa de participação.

Percebe-se, em primeiro lugar, a relevância da produtividade do trabalho para explicar o crescimento chinês no período mais recente. Nos trabalhos de Kuijs e Wang (2005) e Bosworth e Collins (2007), para os anos de 1993 a 2004, essa variável apresentou crescimento de 7,8% e 8,5%, respectivamente. Em ambos os casos, como se pode ver na tabela 2, o aumento da produtividade do trabalho acelerou em relação ao período 1978-1993. A contrapartida desse desempenho foi um crescimento relativamente modesto do emprego, especialmente no período mais recente, quando oscilou em 1% a.a.

Em segundo lugar, pode-se destacar a acumulação de capital, que teve grande importância para todos os autores à exceção de Young (2000). Em todos, a contribuição do capital físico para o crescimento da produtividade do trabalho ficou entre 4% a.a. e 5% a.a., tendo sido a principal fonte de crescimento. De acordo com Woo (1997), a contribuição do capital foi, em média, de 5,5% a.a. no período 1985-1993, enquanto o PIB cresceu 9,7%. Já para Kuijs e Wang (2005), o capital físico apresentou contribuição de 5,1% a.a. entre os anos de 1993 e 2004, ao mesmo tempo em que o produto cresceu 9%.

Finalmente, a contribuição da PTF, que mede, entre outros elementos, o progresso tecnológico e o ambiente de negócios, sendo obtida de forma residual,

apresentou maior disparidade entre os distintos trabalhos. Nos trabalhos mais recentes, de Kuijs e Wang (2005) e de Bosworth e Collins (2007), a importância da PTF foi relativamente alta, apresentando crescimento de 2,7% e 4%, respectivamente, para 1993 e 2004. Para todos os autores (com exceção de YOUNG, 2000), no período pós-reforma, o crescimento da PTF é sempre superior a 2%, mas em alguns trabalhos apresenta sinais de desaceleração no período mais recente.

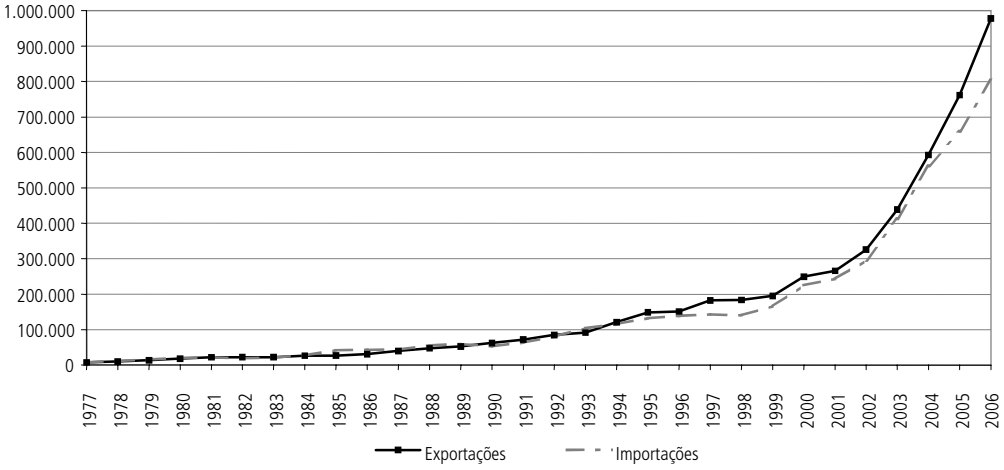
3 EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR

O comércio internacional constitui, sem dúvida, uma das principais fontes do expressivo crescimento chinês dos últimos anos. Vários dos fatores importantes na explicação do desempenho chinês influenciam o crescimento do país por meio de seus impactos sobre as exportações. O baixo custo da mão-de-obra confere à China vantagens de custo expressivas em relação a outros países nos mais variados produtos. Da mesma forma, grande parcela dos investimentos estrangeiros – outro componente fundamental do crescimento chinês recente – atraídos para a China nos últimos anos são investimentos voltados ao processamento de exportações.

A importância do comércio internacional no crescimento chinês é evidenciada pelo aumento da participação dos fluxos comerciais (importações mais exportações) no PIB. Na primeira metade dos anos 1990, os fluxos de comércio representavam menos de 40% do PIB, subindo para cerca de 65% em 2003 (BID, 2005).

O crescimento da participação chinesa no comércio mundial é um fenômeno que já vem ocorrendo há mais de uma década, mas que se intensificou fortemente nos últimos anos. Um dos marcos recentes na evolução dos fluxos comerciais chineses com o resto do mundo foi o ingresso do país na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, quando o comércio chinês deu um salto expressivo.

GRÁFICO 3
China: exportações e importações
(Em US$ milhões)



Fontes: OMC e NBS.

De fato, as exportações chinesas têm mostrado um dinamismo muito superior às exportações mundiais. Entre 1985 e 2005, as vendas chinesas para o resto do mundo cresceram 17% a.a. saindo de um patamar próximo a US$ 42 bilhões em 1985 para

algo em torno de US$ 760 bilhões, em 2005. Em virtude desse crescimento, a participação da China no comércio mundial passou de 1,8% em 1990 para 7,5% em 2005, de acordo com dados da OMC.

As importações chinesas cresceram de forma bastante equilibrada com as exportações, a uma taxa de 16% a.a. no mesmo período. Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (2005, p. 40), "this illustrates not only the country's consistent economic growth rates but also the significant reduction of a host of import restrictions, such as tariffs, quotas, licensing, trading rights, and other non-tariff barriers (NTBs)".

A par do expressivo crescimento do comércio, verifica-se também uma mudança significativa na especialização chinesa no mercado internacional. Tradicionalmente, a China sempre foi vista como uma exportadora competitiva apenas de produtos intensivos em mão-de-obra, dado o baixo custo desse fator de produção no país (como veremos adiante). Entretanto, mais recentemente, a pauta de exportações da China vem se alterando significativamente, evidenciando uma especialização muito mais próxima daquela observada nos países desenvolvidos.

Os produtos de alta intensidade tecnológica, que significavam cerca de 13% das exportações chinesas em 1990, passaram a representar cerca de 37% de suas vendas externas em 2005 (tabela 3). A participação dos produtos de média intensidade tecnológica também cresceu de 12% para 16% no período, enquanto se reduziu a participação das *commodities* e dos produtos intensivos em mão-de-obra e recursos naturais.

Em relação às importações, observa-se que os produtos de alta intensidade tecnológica também apresentaram crescimento, entre 1990 e 2005, passando de 25% para 44% do total no período. Em contraste, as demais categorias apresentaram forte queda de sua participação, como, por exemplo, os produtos de média intensidade tecnológica, cuja participação caiu de 30% em 1990 para 19% em 2005.

Os valores das exportações e importações de alta intensidade em 2005, como se observa na tabela 3, foram bastante semelhantes. No entanto, é importante destacar que, enquanto as exportações desses produtos cresceram 3.334% no período, as importações cresceram 2.072%. Isso sugere que a China deve estar reduzindo o componente importado utilizado na produção desses bens, o que equivale a dizer que o valor adicionado domesticamente nessa categoria de produtos está aumentando.

TABELA 3
Comércio exterior chinês, segundo intensidade tecnológica – 1990 e 2005
(Em US$ mil)

Tipo de produto	Exportações				Importações			
	1990	%	2005	%	1990	%	2005	%
Commodities	11.372.159	18	40.213.608	5	9.282.362	17	93.626.829	14
Intensivos em mão-de-obra e recursos naturais	23.588.559	38	206.204.675	27	8.530.621	16	34.796.125	5
Baixa intensidade tecnológica	3.412.487	5	63.399.891	8	4.261.567	8	32.793.243	5
Média intensidade tecnológica	7.632.146	12	122.310.327	16	15.938.644	30	126.199.466	19
Alta intensidade	8.232.933	13	282.745.600	37	13.265.147	25	288.225.678	44
Outros	7.853.107	13	43.440.514	6	2.066.780	4	77.263.170	12
Total	62.091.391	100	758.314.615	100	53.345.121	100	652.904.512	100

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Unctad.

A emergência da China como grande exportador de produtos mais intensivos em tecnologia, tais como máquinas e aparelhos elétricos, parece ter colocado em xeque a concepção de que a principal vantagem chinesa no comércio estaria relacionada ao baixo custo da mão-de-obra. Nesse sentido, um estudo do BID (2005, p. 58) sugere que a diversidade nas dotações de fatores dentro do território chinês pode explicar a crescente diversificação de sua pauta de exportações: "this diversity of endowment within China may be at least as wide as the variation across countries in Latin America, suggesting that China could begin to export skill and capital intensive products long before the aggregate economy seems able to do so".

A idéia subjacente a essa afirmação é que algumas províncias da China, como Shanghai, teriam uma dotação relativa maior de capital e mão-de-obra qualificada do que as demais províncias, capacitando o país a exportar produtos intensivos tanto em mão-de-obra quanto em capital e tecnologia.

Entretanto, mesmo nas exportações de maior intensidade tecnológica, a China ainda possui grande vantagem em termos dos custos de mão-de-obra. É verdade que, como será visto mais adiante, essa vantagem comparativa reside não apenas nos baixos salários, mas também nas formas específicas das suas relações de trabalho. A elevada parcela de produtos intensivos em tecnologia nas importações chinesas parece apontar para um modelo de processamento de exportações nesse tipo de produto. Assim, a China estaria se concentrando na etapa final do processo de produção, que é a etapa mais intensiva em mão-de-obra e, portanto, ainda próxima das suas vantagens comparativas tradicionais.

No entanto, esse modelo já está se alterando no sentido de agregar cada vez mais valor à produção e às exportações de bens intensivos em conhecimento. Esse aspecto é abordado explicitamente no 11° Plano Qüinqüenal. Cada vez mais, a China está buscando aumentar o conteúdo tecnológico local de suas exportações por meio da absorção de tecnologia, mas também, ainda que de forma incipiente, pela geração de conhecimento, inclusive desenvolvendo marcas próprias, como é o caso dos computadores pessoais da marca Lenovo.

Dois exemplos dessa transformação podem ser dados pela evolução do comércio exterior de equipamentos de processamento de dados e aparelhos de televisão, e rádio e celulares. No caso de equipamentos de processamento de dados, os principais componentes, de acordo com o Sistema Harmonizado a 4 dígitos (igual a NCM a esse nível) são as posições 8.471 (máquinas automáticas para processamento de dados e suas unidades; leitores magnéticos ou óticos, máquinas para registrar dados e máquinas para processamento desses dados) e 8.473 (partes e acessórios das posições 8.469 a 8.472), sendo que a primeira corresponde, basicamente, aos equipamentos completos, e a segunda às suas partes, peças e componentes, inclusive relativas a outras posições. Entre 1996 e 2005, as importações chinesas da posição 8.473 passaram de US$ 2 bilhões para US$ 16 bilhões, uma elevação de quase 700%. Entretanto, no mesmo período, as exportações da posição 8.471 saltaram de US$ 3,7 bilhões para US$ 76,3 bilhões, um aumento de quase 2.000%.

A posição 8.525 corresponde a aparelhos celulares, câmeras de vídeo e câmeras fotográficas digitais, enquanto suas partes e componentes estão incluídas na posição 8.529. Entre 1996 e 2005, as exportações da posição 8.525 aumentaram 5.827%,

para atingir US$ 30,9 bilhões, ao mesmo tempo em que as importações da 8.529 passaram de US$ 1,4 bilhão para US$ 16,6 bilhões.

Esses dois exemplos mostram que a indústria chinesa está, cada vez mais, agregando valor domesticamente aos insumos importados, produzindo internamente parcelas crescentes dos componentes utilizados em produtos de alto conteúdo tecnológico, o que denota ganhos de competitividade na produção desses insumos.

Mais uma evidência nesse sentido está relacionada com os padrões regionais de comércio da China. As suas importações, cada vez mais, são provenientes dos países em desenvolvimento, em especial dos seus vizinhos asiáticos (tabela 4).

TABELA 4
Comércio exterior chinês, segundo região de origem/destino – 1990 e 2005
(Participação, em %)

Região/país	Exportações		Importações	
	1990	2005	1990	2005
Desenvolvidos	36,0	55,0	51,0	36,2
Europa	11,0	20,2	18,0	12,0
Estados Unidos da América e Canadá	9,0	23,7	15,0	8,9
Japão	15,0	11,0	14,0	15,2
Em desenvolvimento	64,0	45,0	49,0	63,8
Ásia	56,0	34,6	39,0	49,0
América	1,0	2,3	3,0	3,7

Fontes: Unctad e World Trade Organization.

Assim, pode-se argumentar que a expansão comercial internacional da China está, em grande medida, associada a atividades relacionadas à importação de produtos intermediários e de bens de capital – especialmente de alto conteúdo tecnológico – de outros países asiáticos. Essa complementaridade produtiva vem sendo um dos fatores importantes para a diversificação das exportações chinesas. Em inúmeros casos, a China serve de base de exportação para as economias avançadas da Ásia, que, em vez de exportar produtos finais para os mercados americanos e europeus, agora exportam através de suas subsidiárias na China. Esse movimento tem contribuído para um rápido aumento das importações chinesas dos países da região e de suas exportações para a Europa e América do Norte.

Além dos baixos custos da mão-de-obra e das complementaridades produtivas com o restante da Ásia, existe um outro fator constantemente citado para explicar o recente *boom* das exportações chinesas. Esse fator é a desvalorização da moeda chinesa em 1994, de 5,8 RMB para 8,3 RMB por dólar americano. Nesse sentido, vários autores procuram mensurar, por meio da utilização da paridade do poder de compra (PPC) ou de outras metodologias, o quanto a moeda chinesa estaria desvalorizada em relação ao dólar. Segundo Adams (2004), parece haver pouca divergência nesses estudos sobre o fato de a moeda chinesa estar subvalorizada. Mesmo a simples observação da estabilidade nominal da taxa de câmbio chinesa ao longo dos últimos

anos – que persiste apesar dos fortes superávits obtidos no seu balanço de pagamentos – já constitui evidência bastante forte da subvalorização do yuan.

Em julho de 2005, entretanto, o governo chinês flexibilizou um pouco a taxa de câmbio no país. A valorização da moeda chinesa que se seguiu a essas medidas, de cerca de 4,5% nominais a.a., em média, não chega a ser suficiente, entretanto, para compensar a desvalorização ocorrida em 1994.

4 CAUSAS DO CRESCIMENTO

4.1 INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

O processo de desenvolvimento industrial tem início em 1978, mais especificamente na Terceira Plenária do 11° Comitê Central do Partido Comunista Chinês. Nessa ocasião, iniciou-se o processo de liberalização e abertura da economia chinesa, conhecido como *Gei Ge Kaifeng*. Essa abertura começa pela liberalização do comércio exterior, não apenas por meio da redução das tarifas como da permissão a um maior número de empresas (até então apenas 14) para realizar diretamente operações de comércio exterior. Nos anos seguintes, outras medidas visando facilitar as transações com moeda estrangeira foram implementadas, contribuindo para o aumento das exportações e importações de bens. O ritmo médio anual de crescimento das importações passa de 13% entre 1968 e 1977 para 20% entre 1978 e 1987, e o das exportações de 12% para 18%, respectivamente.

Outra medida extremamente importante foi a liberalização do sistema de formação de preços no setor rural, em 1979. Esses preços, que até então, à semelhança dos demais, eram fixados pelo Governo Central, passaram a abrigar um sistema duplo. O Governo Central fixava a cota de produção que cada comunidade (*Township and Village Enterprise*) deveria entregar a um preço predeterminado. O restante da produção poderia ser negociado livremente no mercado. Essa alteração provocou uma grande elevação na produtividade rural, com reflexos sobre a renda e o emprego.

Além disso, a existência de um grande contingente de mão-de-obra rural com produtividade muito baixa possibilitou seu deslocamento para as cidades, mantendo baixos os salários, mesmo com crescimento elevado da demanda por trabalho.

4.2 ZONAS ECONÔMICAS ESPECIAIS E VANTAGENS GEOGRÁFICAS

O desenvolvimento industrial da China contou com duas importantes vantagens geográficas. Em primeiro lugar, a proximidade com Hong Kong inspirou a criação de quatro Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), em 1980, em Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen. Todas as quatro ZEEs são localizadas no litoral sul, sendo que as duas primeiras situam-se quase ao lado de Hong Kong e Macau e, as duas últimas, relativamente próximas. Nessas ZEEs, passaram a ser concedidas diversas isenções fiscais, além da criação de *clusters*, com *spillovers* positivos, e vários outros incentivos.

A decisão de localizar as ZEEs nessa região não foi uma coincidência. Durante décadas, desde o final do século XIX, Hong Kong acumulou capital, inicialmente com o desenvolvimento do comércio e das finanças e, mais recentemente, com a indústria de transformação nos setores de brinquedos, vestuário etc. No início dos

anos 1980, o PIB *per capita* de Hong Kong se aproximava de US$ 10 mil, enquanto o da China não alcançava os US$ 300. Entretanto, o reduzido tamanho da antiga colônia britânica provocou grandes elevações dos preços dos terrenos e dos salários, ameaçando sua competitividade nesses produtos.

A tabela 5 apresenta os ingressos de IDEs entre 1983 e 2005. A participação dos investimentos de Hong Kong, nos primeiros anos, é de quase 60%, caindo mais recentemente para 25%. Entretanto, essa redução não representou uma forte desconcentração, na medida em que foi quase toda compensada pelo aumento da participação de paraísos fiscais, em especial, Ilhas Cayman e Ilhas Virgens.

TABELA 5
China: ingressos de IDEs por país/região de origem
(Em milhões de US$ constantes de 1995)

Países/regiões	Médias anuais			
	1983-1990	1991-1995	1996-2000	2001-2005
Hong Kong	1.795	13.989	17.341	14.702
Taiwan	32	2.325	2.738	2.584
Cingapura	33	758	2.436	1.774
Coréia do Sul	0	463	8	2
Japão	419	1.622	3.247	4.194
Macau	-	-	391	385
Outros Ásia	35	885	2.324	4.267
Ásia	2.315	20.041	28.485	27.908
Estados Unidos	370	1.747	3.602	3.491
Reino Unido	50	387	1.223	734
Alemanha	38	199	866	917
Europa	205	1.084	3.982	3.820
Ilhas Cayman/Ilhas Virgens	-	-	2.630	6.515
Outros	176	745	1.084	5.215
Total	3.066	23.617	39.783	46.949
Memo: participação relativa de Hong Kong	58,5	59,2	43	32

Fontes: NBS, Unctad e OCDE (2000).

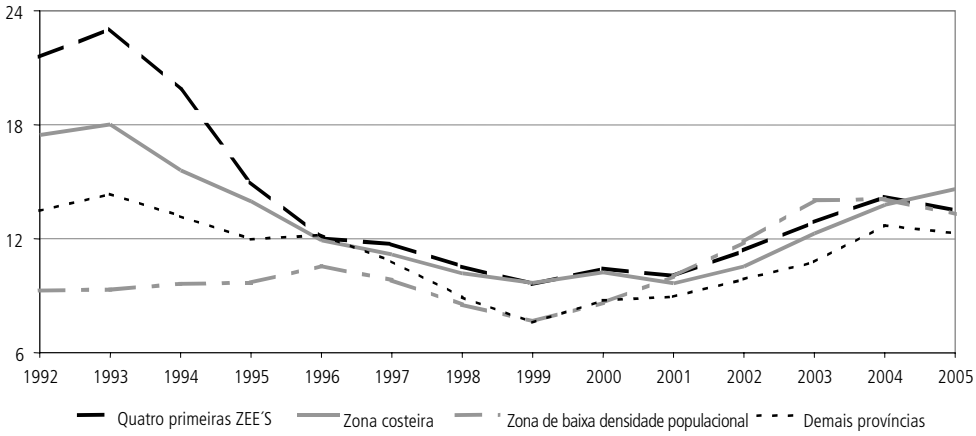
A criação das primeiras ZEEs nessa região permitiu o deslocamento daquela produção industrial para a República Popular da China, ao mesmo tempo em que Hong Kong migrava sua produção para produtos superiores na escala tecnológica. Nesse processo, transferiu-se também capacidade gerencial e de organização da produção e contatos comerciais com o resto do mundo – tudo num contexto de identidade cultural comum e de conhecimento das idiossincrasias locais pelos investidores, em sua maioria chineses expatriados. Os bons resultados obtidos nessas áreas levaram o governo chinês a criar, em 1984, outras 14 ZEEs semelhantes, ao longo do litoral. As áreas disponíveis para investimentos estrangeiros expandiram-se

rapidamente, atingindo todo o litoral, no final da década de 1980, e alcançando o interior do país na década seguinte.

Além da grande proximidade de Hong Kong, o litoral da China situa-se também muito próximo aos países mais desenvolvidos do Leste/Sudeste Asiático, como Japão, Coréia do Sul e Taiwan. Essa proximidade foi fundamental para o tipo de inserção externa realizada pela China, em virtude das complementaridades produtivas estabelecidas entre ela e os demais países asiáticos. A China ingressou no mercado internacional como uma espécie de "intermediário" entre Ásia e Estados Unidos, importando partes, peças e componentes dos primeiros, montando e vendendo os produtos finais para o segundo. Atualmente, o comércio com esses três países mais Hong Kong representa cerca de 36% das exportações chinesas e 41% das suas importações. Ao mesmo tempo, as exportações para os Estados Unidos e União Européia (UE) atingem aproximadamente 40% de suas exportações.

O crescimento da economia chinesa começou, portanto, pelas primeiras ZEEs e pelas regiões costeiras, que apresentavam dinamismo muito superior ao das demais regiões, como se nota no gráfico 4.[1] No entanto, a partir de meados da década de 1990, as diferenças nas taxas de crescimento entre as distintas regiões reduziram-se fortemente.[2] A partir de 2001, as regiões costeiras, em alguns anos, cresceram a taxas superiores às das quatro ZEEs e as províncias ocidentais e setentrionais aproximaram-se do ritmo de crescimento dessas duas. Verifica-se, também, que nos dez últimos anos o dinamismo da atividade econômica vem sendo cada vez mais concentrado entre as quatro diferentes regiões.

GRÁFICO 4
China: taxas de variação do PIB por região
(Em % a.a.)



Fonte: NBS. Elaboração: Dimac/Ipea.

1. Infelizmente não foi possível reconstituir os dados dos PIBs regionais para os anos anteriores a 1992.

2. No gráfico 4, a China foi dividida em quatro regiões: as quatro primeiras ZEEs, as regiões litorâneas, uma região englobando as províncias com baixa densidade populacional a Norte e a Oeste, e uma quarta, compreendendo as demais províncias.

4.3 BAIXO CUSTO DA MÃO-DE-OBRA

Um dos fatores mais alardeados para o crescimento da China é a sua mão-de-obra relativamente barata. Mas a explicação para essa vantagem comparativa não está apenas no seu baixo custo. Diversos outros países possuem salários tão ou mais baixos. As diferenças podem ser, primeiro, a coincidência já mencionada da disponibilidade de capital e capacidade gerencial – e, incidentalmente, proximidade cultural – que acercou o trabalho do capital através dos investimentos de Hong Kong e Taiwan nas primeiras ZEEs. Um sem o outro não funciona. Segundo, uma oferta de mão-de-obra quase infinitamente elástica (e que assim continuará pelos próximos anos) com algum grau, ainda que baixo, de qualificação. Portanto, o aumento da demanda não provocou, nos segmentos de baixa qualificação, elevações substanciais nos salários (ainda que, ao longo do tempo, tenha-se desenvolvido uma grande, em termos absolutos, classe média com elevado poder aquisitivo).

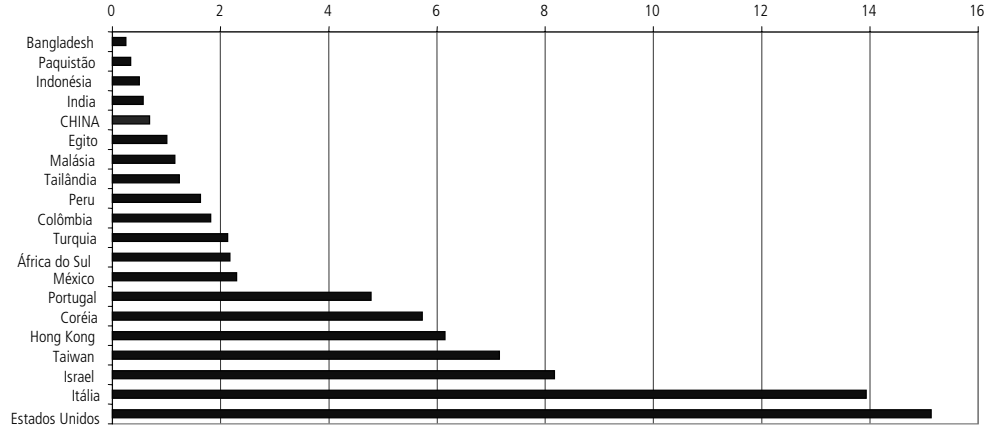
Terceiro, os trabalhadores chineses possuem uma concepção de hierarquia e disciplina que, aliada à proibição da criação de organizações sindicais, dificulta tremendamente a sua organização e a possibilidade de exercer pressões por aumentos de salários.

Quarto, mecanismos de regulação das relações de trabalho e direitos trabalhistas são praticamente ausentes na sociedade chinesa. Inexistência de férias (afora três semanas anuais de feriados), semana de trabalho de sete dias e ausência de aviso prévio, por exemplo, constituem práticas comuns. Outra característica chinesa permite compreender melhor a possibilidade de manter salários tão menores do que em outros países, mesmo quando a diferença no custo de vida não é tão grande. Boa parte dos trabalhadores chineses não-qualificados das grandes cidades é constituída de imigrantes temporários provenientes das zonas rurais. Atualmente, ao contrário do que prevalecia até poucos anos, esses trabalhadores não são considerados ilegais. Contudo, por não possuírem carteira de identidade emitida pela cidade onde trabalham, não possuem acesso a nenhum tipo de serviço público, como saúde e educação.[3] Dessa forma, normalmente não trazem a família para a cidade. E aceitam dormir no emprego, obviamente sem pagar nada. Isso permite, portanto, não ter gastos com moradia e transporte, que constituem boa parte dos dispêndios dos trabalhadores de baixa renda. Essas especificidades tornam mais difíceis as comparações com os salários monetários de países onde tais práticas não existem.

O gráfico 5 mostra salários-horários no setor de fiação e tecelagem em 2002 para diversos países. De fato, nesse setor, onde a China apresenta fortes vantagens comparativas, seu custo de mão-de-obra ainda é um dos mais baixos do mundo, apesar de levemente superior ao de países como Bangladesh, Paquistão e Índia.

3. Ver adiante descrição desse sistema.

GRÁFICO 5
Fiação e tecelagem: custo horário da mão-de-obra – 2002
(Em US$/hora)



Fonte: Textiles and Apparel - Assessment of the Competitiveness of Certain Foreign Suppliers to the US Market (2004).

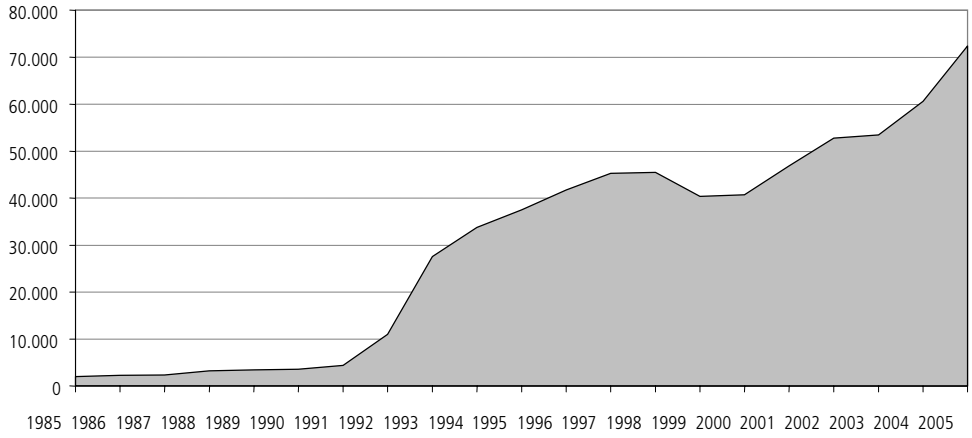
4.4 INVESTIMENTOS DIRETOS EXTERNOS

O crescimento dos IDEs na China, como já apontado, é um dos fatores importantes no seu desenvolvimento. Mas a presença das EMNs no país não pode ser corretamente avaliada fora do contexto específico. Inicialmente, as EMNs dirigiram-se quase que exclusivamente às ZEEs – onde recebem diversos incentivos fiscais, terrenos e edificações; localizam-se ao lado de fornecedores e de outras indústrias semelhantes, além de centros de pesquisa, incubadoras de empresas, laboratórios de ponta, infra-estrutura de energia e transporte. Essa localização privilegiada facilita o surgimento de transbordamentos tecnológicos: é o sonho de um Sistema Local de Inovação tornado realidade.

Essa forma de agrupamento regional das indústrias, especialmente daquelas mais intensivas em conhecimento, teve papel relevante no desenvolvimento tecnológico chinês e na alteração da pauta de exportações ao longo dos últimos 20 anos, ainda que o esforço doméstico de geração de tecnologia permaneça relativamente baixo.

A capacidade de a China atrair investimentos estrangeiros não se esgota nos incentivos e vantagens desfrutados pelas EMNs nas ZEEs. No curto prazo, o baixo custo da mão-de-obra e uma taxa de câmbio desvalorizada propiciam elevada rentabilidade ao capital externo, especialmente àquele voltado às exportações. A produção dirigida ao mercado externo goza de isenção de impostos de importação para matérias-primas, peças e componentes. Assim, as EMNs – especialmente as do setor de eletrônicos e comunicações, que representam grande parte das exportações chinesas – podem instalar, na China, as etapas finais da produção, aproveitando as peças e componentes produzidos pelas filiais localizadas nos países vizinhos. No longo prazo, o tamanho absoluto do mercado chinês e, especialmente, seu potencial de crescimento constituem um atrativo importante ao investimento.

GRÁFICO 6
China: evolução dos ingressos de IDE
(Em milhões de US$)



Fonte: Unctad.

4.5 AUSÊNCIA DE PROTEÇÃO À PROPRIEDADE INTELECTUAL

Ao mesmo tempo em que recebem esses poderosos estímulos, as EMNs são obrigadas a conviver com um sistema que, até o momento, não garante a proteção da propriedade intelectual. Para ingressar na China, até recentemente, as EMNs necessitavam de um sócio local. Há diversos relatos de que esses sócios apropriam-se ilegalmente do conhecimento transferido do exterior para produzir por conta própria, em outra empresa (doméstica), produtos análogos por preços inferiores.

Outra forma conhecida de pirataria intelectual é a produção (e exportação) de bens de consumo de marcas famosas, como confecções, artigos de couro e perfumaria, sem pagamento dos *royalties* devidos.

Obviamente, a baixa proteção à propriedade intelectual constitui um obstáculo ao ingresso de IDEs em qualquer país. Contudo, no caso específico da China, os demais incentivos muito mais do que compensam os prejuízos decorrentes dessas práticas. Por outro lado, as EMNs também desenvolvem estratégias de defesa. Uma das mais conhecidas é não produzir na China, mas importar, partes e peças que contenham competências críticas dessas empresas, dificultando, assim, o acesso ao conhecimento mais recente e estratégico.

Entretanto, esses mecanismos permitiram uma transferência de conhecimento a custos muito baixos e viabilizaram o desenvolvimento de diversos setores industriais, o que, de outra forma, talvez não tivesse sido possível. Deve-se reconhecer que a China não inaugurou o processo de transferência ilegal de conhecimento e que, ao longo da história, diversos outros países adotaram práticas semelhantes, sendo o Japão do pós-guerra o mais recente exemplo.

4.6 ECONOMIAS DE ESCALA

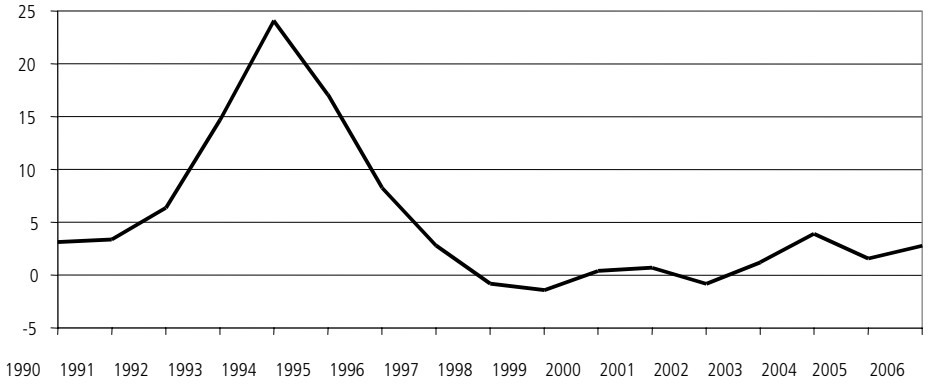
Uma característica fundamental para explicar o crescimento chinês é a existência de economias de escala na maior parte das indústrias, com fortes impactos sobre o custo de produção. Alguns exemplos são ilustrativos do tamanho do mercado e da escala de

produção. A China é atualmente o maior produtor mundial de televisores, com uma produção anual de aproximadamente 75 milhões de unidades. A produção anual de aço bruto é de cerca de 220 milhões de toneladas, enquanto a do Brasil é de 31 milhões. A China produz atualmente cerca de 1,1 milhão de caminhões por ano, quase dez vezes a produção brasileira. Enquanto o Brasil produz cerca de 40 milhões de toneladas de cimento por ano, a produção anual da China atinge aproximadamente 900 milhões de toneladas.

4.7 POLÍTICAS MACROECONÔMICAS ESTÁVEIS

Um importante elemento para a atração dos investimentos externos tem sido a grande estabilidade e previsibilidade das políticas macroeconômicas na China no período em análise. Os sucessivos governos chineses mantiveram políticas de estímulo ao crescimento sem, contudo, deixar a inflação escapar do controle. De 1985 em diante, apenas em 1989 e no período 1993-1995 a inflação anual, medida pelos preços ao consumidor, ultrapassou os 10%. Em ambos os momentos, o governo adotou medidas que desaceleraram o crescimento industrial e os investimentos, contribuindo para reduzir as pressões inflacionárias.

GRÁFICO 7
China: variação anual dos preços ao consumidor
(Em %)



Fonte: NBS.

O déficit fiscal, apesar de crescer substancialmente a partir de 1998, em momento algum ultrapassou 3% do PIB. A dívida pública do Governo Central é estimada em torno de 20% do PIB, podendo chegar a cerca de 30% quando se incluem os governos provinciais e locais. É difícil, no entanto, avaliar adequadamente a situação fiscal do país diante da diversidade de formas que as atividades empresariais de governos locais assumem. Existe um volume expressivo de créditos problemáticos no sistema financeiro: por um lado, todos os bancos são públicos, e parte dos créditos não-pagos representa um passivo contingente dos governos, inclusive locais. Por outro, entre os devedores certamente existem empresas locais (*township and village enterprises*) diretamente ligadas a governos ou por eles apoiadas. O balanço dessa teia de cruzamentos é difícil de ser estimado. Do ponto de vista da posição patrimonial do governo, a dívida, que é fortemente negativa quando descontadas as reservas internacionais, tem de ser ainda confrontada com o valor das ações do imenso setor

estatal, ao qual já não se aplica de forma generalizada à idéia de ineficiência e baixo dinamismo.

TABELA 6
China: dívida pública
(Em % do PIB)

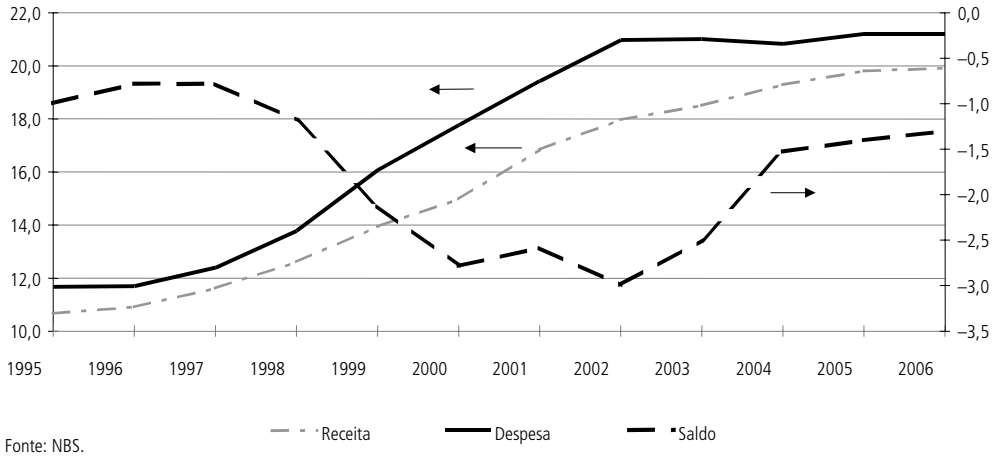
Anos	2000	2001	2002	2003
Dívida	30,40	30,60	31,10	29,60

Fonte: Economist Intelligence Unit (EIU).

Uma fonte adicional de receita tem sido a venda de propriedades para investidores privados, às vezes com amplo impacto negativo sobre as populações deslocadas diante do valor pago a título de indenização. A carga tributária chinesa, por outro lado, ainda é relativamente baixa (17% do PIB), o que contribui ainda mais para tornar confortável a situação fiscal, corrente e futura.

Esse relativo controle das finanças públicas permite ao governo chinês gastar parcelas expressivas da receita em investimentos e subsídios. Outro elemento importante é que, à diferença da maioria dos países ocidentais, seus gastos com educação e saúde não são elevados, e os dispêndios previdenciários são bastante reduzidos. A título de ilustração, os gastos públicos com pensões e bem-estar social representam menos de 0,5% do PIB e a totalidade dos gastos com cultura, educação ciência e saúde representam apenas cerca de 3% do PIB, ao passo que apenas os fundos destinados à inovação e à promoção da ciência e tecnologia alcançam cerca de 0,8% do PIB nos anos recentes (tabela 7).

GRÁFICO 8
Evolução das receitas e despesas do Governo Central como % do PIB



Fonte: NBS.

TABELA 7
China: composição dos gastos públicos em funções selecionadas
(Em % do PIB)

	Cultura, educação, ciência e saúde pública	Pensões e bem-estar social	Fundos de inovação e promoção da ciência e tecnologia
1990	3,31	0,29	0,82
1991	3,25	0,31	0,83
1992	2,95	0,25	0,83
1993	2,71	0,21	1,19
1994	2,65	0,20	0,86
1995	2,41	0,19	0,81
1996	2,39	0,18	0,73
1997	2,41	0,18	0,81
1998	2,55	0,20	0,76
1999	2,69	0,20	0,85
2000	2,76	0,21	0,87
2001	3,07	0,24	0,90
2002	3,31	0,31	0,80
2003	3,32	0,37	0,80
2004	3,22	0,35	0,78
2005	3,33	0,39	0,82

Fonte: NBS.

4.8 ALTAS TAXAS DE POUPANÇA

A China, sistematicamente, tem apresentado elevadas taxas de poupança, superiores a 40% do PIB nos anos recentes, como se observa na tabela 8. Essas taxas são altas até mesmo para os padrões asiáticos. Essas altas taxas de poupança doméstica viabilizam a realização de investimentos da mesma magnitude sem pressionar a poupança externa. Ao contrário, a poupança externa, há cerca de dez anos, é negativa.

O forte ritmo de crescimento dos investimentos e as elevadas taxas de investimento na China costumam espantar a maioria dos observadores ocidentais, surpresos com o porquê dessa velocidade e com a possibilidade de financiar tal montante de investimentos. Atribui-se, com freqüência, esse comportamento à elevada poupança doméstica, fruto, por sua vez, de uma sociedade extremamente parcimoniosa. Resultaria, portanto, de uma certa sabedoria oriental, que conduziria os indivíduos e as empresas a adotar uma atitude extremamente cautelosa quanto ao futuro. No entanto, a explicação é um pouco mais complexa. É preciso, primeiro, observar a composição da poupança doméstica da China. Na média dos quatro últimos anos (até 2005), a poupança doméstica representou 44% do PIB, sendo 7% do governo, 18% das famílias e 19% das empresas.

Como será possível, então, obter taxas de poupança tão elevadas? Pelo lado das famílias, a razão principal é a necessidade de financiar a aposentadoria – os sistemas

de previdência na China abrangem apenas um pequeno percentual da população – e os gastos com educação e saúde que, na maior parte dos casos, não são cobertos pelo Estado. Ou seja, aquilo que, na maior parte das sociedades, é financiado por meio de tributos, na China é custeado pela poupança pessoal. Já as empresas, na grande maioria, estatais, não costumam distribuir dividendos, o que amplia o volume de recursos disponíveis para investimento. A contrapartida dos relativamente reduzidos gastos públicos em saúde, educação e previdência é a elevada poupança do setor público, o que permite a realização de grandes investimentos governamentais.

Simultaneamente, o forte dinamismo da economia, em geral, favorece a maior lucratividade que, por sua vez, vai se traduzir em maiores investimentos. A relação entre lucratividade e investimentos é altamente significativa na China. Como os investimentos corresponderam a 40% do PIB nos quatro últimos anos, isso significa que cerca de metade dos investimentos das empresas (inclusive estatais) deve estar sendo financiada com recursos próprios, sendo complementada por financiamentos bancários obtidos a taxas de juros relativamente reduzidas.

O resultado é um baixo custo do capital, que viabiliza um grande número de investimentos, boa parte dos quais dirigidos à construção civil, estimulada, por sua vez, pelo acelerado processo de urbanização. Obviamente, não será possível manter o atual ritmo de crescimento dos investimentos por muito mais tempo.

Dessa forma, pode-se entender porque diversos estudos apontam a acumulação de capital como a responsável por cerca de metade das fontes de crescimento da China a partir de 1978. Obviamente, um risco não desprezível é a acumulação de capacidade ociosa na indústria de transformação e na construção civil. Entretanto, o baixo custo de oportunidade poderá manter esse sistema em funcionamento ainda por algum tempo.

A tabela 8 apresenta um esforço no sentido de consolidar todos os dados recentes sobre poupança e investimento na China. Os dados de poupança apresentados para os anos de 1992 a 1996 foram retirados do National Bureau of Statistics of China (NBS), bem como o saldo em conta corrente de 1997 a 2004. Os dados de poupança para os demais anos (1997 a 2005), e os dados de saldo em conta corrente, para 1992 a 1996, foram estimados, baseados ainda nas estatísticas do NBS. Já os dados de investimento, para todos os anos apresentados, foram estimados baseados em Louis Kuijs (2006) e no NBS. E, finalmente, o valor do saldo em conta corrente para o ano de 2005 foi retirado de World Bank China Office (maio de 2006).

TABELA 8
China: Poupança e Investimento
(Em % PIB)

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Governo	5,9	6,1	5,1	4,6	5,1	5,6	5,3	5,7	6,2	7,6	7,5	7,0	6,5	6,9
Famílias	21,1	18,9	20,9	19,0	20,1	20,6	20,4	18,4	16,0	16,2	19,2	18,3	17,4	18,4
Empresas	13,4	15,8	15,6	15,8	12,8	14,6	14,3	14,2	15,2	15,1	14,7	17,5	20,6	23,0
Poupança doméstica	40,4	40,9	41,5	39,4	38,0	40,8	40,0	38,2	37,4	38,9	41,4	42,8	44,6	48,2
Investimento	36,2	43,0	40,9	40,4	39,1	37,7	37,2	36,8	35,7	37,5	38,9	40,0	41,0	41,0
Saldo em conta corrente	4,2	–2,2	0,6	–1,0	–1,2	3,1	2,9	1,4	1,7	1,3	2,4	2,8	3,6	7,2

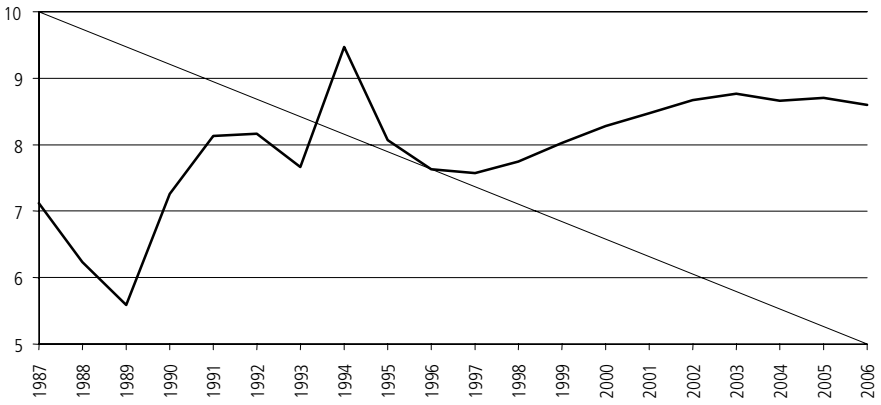
Fonte: Ver Texto

4.9 CÂMBIO E PREÇOS

O mercado de trabalho na China possui uma característica rara hoje em dia: salários nominais flexíveis. Esse fenômeno contribui para explicar por que a inflação é relativamente baixa, não obstante o forte ritmo de crescimento da economia nos últimos 27 anos, pois não é necessário que a inflação se acelere para reduzir os salários reais na eventualidade de choques. Além disso, ainda hoje existe um grande contingente de trabalhadores no campo, com rendimentos próximos ao nível de subsistência. Esses trabalhadores contribuem para evitar maiores aumentos de salários nas zonas urbanas, principalmente entre os menos qualificados.

Em relação ao câmbio, o renminbi foi desvalorizado em cerca de 400% em termos nominais entre 1981 e 1995, permanecendo praticamente constante desde então (até julho de 2005), apesar do forte aumento das reservas internacionais. Evidentemente, a moeda subvalorizada contribuiu para elevar as exportações. Entretanto, essa influência deve ser relativizada quando se observa que boa parte das exportações chinesas, em especial as mais dinâmicas, possui um alto componente importado.

GRÁFICO 9
China: taxa de câmbio real – Yuan/US$/(IPC China/IPC Estados Unidos)



Fonte: Ipeadata.

4.10 SISTEMA DE FORMAÇÃO DE PREÇOS

Apesar de ser muito difícil de se avaliar quantitativamente, a formação de preços por mecanismos de mercado – substituindo o sistema em que os preços eram determinados pelo Governo Central – teve importância crucial para o crescimento da economia chinesa. Atualmente, no "socialismo de mercado com características chinesas", apenas preços de serviços públicos, como água, energia, transporte, combustíveis e poucos outros são fixados pelo governo.

4.11 SISTEMA FINANCEIRO

Embora o volume de crédito seja elevado como proporção do PIB, o sistema financeiro chinês não é muito desenvolvido. As alternativas de poupança são limitadas, as taxas de juros para empréstimos são controladas e há pouca margem para diferenciar riscos. Todo o sistema bancário ainda é público, mas já existem associações com bancos privados

estrangeiros. Há grande preocupação com o volume de créditos podres no sistema, especialmente porque a perspectiva de sobreinvestimento decorrente do forte crescimento dos últimos anos prenuncia uma fase de "depuração". Ainda assim, as ofertas públicas, correspondentes a apenas uma fração do capital de dois dos quatro grandes bancos públicos, recentemente realizadas em Hong Kong, foram um sucesso: a última delas, do Bank of China, levantou US$ 9,7 bilhões.

5 PERSPECTIVAS

Políticas industriais e tecnológicas, políticas macroeconômicas conservadoras, baixo nível de salários, ausência de proteção à propriedade intelectual, câmbio desvalorizado, localização geográfica, dentre outros fatores, foram alguns dos responsáveis pelo grande aumento da competitividade da economia chinesa e pelo crescimento de seu produto no último quarto de século. Outros elementos, associados ao regime político fechado em torno do Partido Comunista, mas descentralizado do ponto de vista da autonomia financeira e da implementação das grandes linhas de ação, também contribuíram tanto para viabilizar a mudança quanto para conferir ao processo características únicas, de difícil replicação.

O tamanho e o ritmo de crescimento proporcionam um papel único à China no cenário global. O aumento do comércio exterior da China deslocou produtores tradicionais, barateou o preço internacional de vários produtos manufaturados e elevou os preços de diversas *commodities*. Os termos de troca chineses deterioram-se sistematicamente há algum tempo – mesmo que suas exportações tenham avançado bastante na escala tecnológica. Ao mesmo tempo em que beneficiou alguns países, prejudicou outros. O aumento da produção de bens da cadeia eletroeletrônica na China exerceu papel fundamental na manutenção/recuperação do ritmo de crescimento do Sudeste Asiático. Na medida em que possui um elevado superávit comercial com os Estados Unidos e, ao mesmo tempo , contribui fortemente para financiar o déficit externo daquele país, a China tornou-se sócia do desequilíbrio global, dificultando uma rápida mudança das paridades internacionais.

As principais questões que se colocam são: primeiro, até quando conseguirá a China manter o atual padrão de crescimento e, em segundo lugar, como manter os atuais níveis de superávit em balanço de pagamentos e de acumulação de reservas?

Do ponto de vista doméstico, não parece haver maiores dificuldades à continuidade do crescimento econômico. O tamanho da população vivendo nas zonas rurais com baixa produtividade permite aumentar por algum tempo a população ocupada nas cidades sem grandes pressões salariais. O déficit fiscal continua baixo, e o pouco peso das despesas previdenciárias permite antever que ele poderá permanecer baixo por algum tempo. Caso a demanda externa passe a crescer menos, a China poderá reorientar a demanda para o consumo doméstico, por meio de alguma valorização cambial, como, aliás, já preconizam diversos analistas. O estímulo ao consumo interno poderia vir também de um aumento do gasto público em educação, saúde e previdência, pelo efeito que isso teria sobre a poupança das famílias. Resta saber se isso seria, de fato, possível em um prazo de tempo razoável. As maiores restrições domésticas são os impactos ambientais decorrentes do crescimento econômico e o aumento da inquietação social, em razão da crescente disparidade de

renda. Porém, enquanto houver oportunidade para progressão na escala social, a desigualdade da distribuição de renda poderá ser aceita.

A redução do desequilíbrio externo chinês pode ser alcançada por uma combinação de valorização do renminbi com a gradual liberalização da conta de capital, permitindo uma saída maior de capitais, seja como investimentos em carteira, seja como IDEs. A pressão sobre os preços das *commodities* pode ser um problema mais sério para o resto do mundo, mas o tamanho dos superávits comerciais chineses dá margem a aumento das importações.

Portanto, parece possível à China manter um bom ritmo de crescimento, ainda que a taxas um pouco inferiores, ao mesmo tempo em que as questões colocadas pelos elevados superávits externos sejam contornadas gradualmente. Aliás, a experiência revela que a principal característica das políticas chinesas das últimas décadas, em quaisquer áreas, tem sido exatamente o seu gradualismo. Não fosse o país se chamar Zhong Huo – em português, Terra do Meio.

REFERÊNCIAS

ADAMS, G.; GANGNES, B.; SHACHMUROVE, Y. *Why is China so competitive*? Singapore: Singapore Management University Economics and Statistics, Mar. 2004 (Working paper, n. 07-2004).

BID. *The emergence Of China*: opportunities and challenges for Latin America and the Caribbean. Washington: Inter-American Development Bank, 2005.

BOSWORTH, B.; COLLINS, S. M. *Accounting for growth*: comparing China and India. Cambridge: NBER, 2007 (Working paper, n. 12.943).

EIU. Economist Intelligence Unit. Disponível em: <www.eiu.com>.

KUIJS, L. *How will China's saving-investment balance evolve*? World Bank China Office Research, May 2006 (Working paper, n. 5).

KUIJS, L.; WANG, T. *China´s pattern of growth: moving to sustainability and reducing inequality*. Washington: World Bank Policy Research, 2005 (Working paper, n. 3.767).

NBS. National Bureau of Statistics of China. Disponível em: <www.stats.gov.cn/english/index.htm>.

OCDE. *OCDE Economic Surveys:* China. Organization for Economic Co-operation and Development, v. 13, OCDE publishing, Sep. 2005.

_____. *Main determinants and impacts of foreign direct investment on china's economy*. Dec. 2000 (Working papers on International Investment, n. 2000/4. [S.I]).

UNCTAD. United Nations Conference on Trade and Development.

Handbook of Statistics. Disponível em: <www.unctad.org>.

USITC. United States International Trade Commission. *Textiles and apparel:* assessment of the competitiveness of certain foreign suppliers to the U.S. market. Washington, Jan. 2004 (Investigation, n. 332-448).

WANG, Y.; YAO, Y. *Sources of China´s economic growth, 1952-99*. Washington: World Bank, 2001 (Policy Research Working Paper, n. 2.650).

WOO, W. T. *Chinese economic growth:* sources and prospects. California: Economics Departament University of California, 1997.

WORLD BANK CHINA OFFICE. *China Quarterly Update*, May 2006.

WTO. World Trade Organization. Disponível em: <www.wto.org>.

YOUNG, A. *Gold into base metals*: productivity growth in the people´s Republic of China during the reform period. Cambridge, NBER, 2000 (Working paper, n. 7.856).

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **Ipea** 2008

EDITORIAL

Coordenação
Iranilde Rego

Supervisão
Marcos Hecksher

Revisão
Lucia Duarte Moreira
Alejandro Sainz de Vicuña
Eliezer Moreira
Elisabete de Carvalho Soares
Míriam Nunes da Fonseca

Editoração
Roberto das Chagas Campos
Aeromilson Mesquita
Camila Guimarães Simas
Camila Oliveira de Souza
Carlos Henrique Santos Vianna

Brasília
SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES,
9º andar – 70076-900 – Brasília – DF
Fone: (61) 3315-5090
Fax: (61) 3315-5314
Correio eletrônico: editbsb@ipea.gov.br

Rio de Janeiro
Av. Nilo Peçanha, 50/609
20044-900 – Rio de Janeiro – RJ
Fone: (21) 3515-8522 – 3515-8426
Fax (21) 3515-8585
Correio eletrônico: editrj@ipea.gov.br

Tiragem: 135 exemplares

COMITÊ EDITORIAL

Secretário-Executivo
Marco Aurélio Dias Pires
SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES,
9º andar – sala 912
70076-900 – Brasília – DF
Fone: (61) 3315-5406
Correio eletrônico: madp@ipea.gov.br